

## A MISTICIDADE DO ESPELHO EM NIKETCHE: REFLEXOS E REFLEXÕES SOBRE A MORAL E A POLIGAMIA

### THE MIRROR'S MYSTICITY IN NIKETCHE: REFLECTIONS ON MORALITY AND POLYGAMY

*Júlia Veiga Camacho*<sup>1</sup>  
*Rock Ângelo Barros*<sup>2</sup>

**RESUMO:** A partir dos relatos da protagonista Rami em *Niketche: uma história de poligamia*, Paulina Chiziane nos revela o cotidiano desta moçambicana presa em uma realidade conservadora e moralista que molda sua percepção sobre o casamento monogâmico e o papel da mulher na sociedade. Porém, sua vida é revirada quando descobre as famílias que seu marido mantém com outras mulheres. A moral cristã condena a existência de relações extraconjugais, guiando os princípios de Rami; contudo, tais convicções são alteradas ao longo da narrativa, dentre outros motivos, por meio dos diálogos que a protagonista tem com seu reflexo no espelho. Apesar das semelhanças físicas, a imagem refletida no objeto expõe considerações morais opostas às de Rami, e a ajuda a aceitar a poligamia. O espelho enquanto elemento místico é ponto de reflexão entre o que a protagonista inicialmente considera sobre o casamento monogâmico e papel da mulher, e também reflexo de seus pensamentos íntimos. Assim, através da análise literária do romance, e bibliográfica sobre a moral, interseccionando-se com estudos de gênero, etnia e classe, o objetivo deste trabalho é mostrar que a imagem refletida através do espelho critica e faz reflexões sobre as proposições moralistas que Rami coloca sobre a poligamia, mostrando-se, na verdade, como real pensamento da protagonista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poligamia; Moral; Místico; Onírico; Papel da mulher; Direito à Literatura.

**ABSTRACT:** Based on Rami's stories in *Niketche: a story of polygamy*, Paulina Chiziane reveals the daily life of this Mozambican woman trapped in a conservative and moralistic reality that shapes her perception of monogamous marriage and the role of women in society. However, her life is turned upside down when she discovers the families her husband has with other women. Christian morality condemns the existence of extramarital affairs, guiding Rami's principles; however, these convictions are altered throughout the narrative, among other reasons, through the dialogues that the protagonist has with her reflection in the mirror. Despite the physical similarities, the reflected image exposes considerations that are opposite to Rami's, and helps her to accept the polygamy. The mirror, as a mystical element, is a point of reflection between what the protagonist initially considers about monogamous marriage and the role of women, and also a reflection of his intimate thoughts. Thus, through the literary analysis of the novel, and bibliographical analysis on morality, intersecting

---

<sup>1</sup> Graduada em Direito pela Unesp, Franca/SP, Brasil e em Letras pela Univesp, polo de Santa Bárbara d'Oeste/SP, Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2920376476675455>. E-mail para contato: [juliaveigacamacho@gmail.com](mailto:juliaveigacamacho@gmail.com). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa Legentes (PUC/MG).

<sup>2</sup> Graduado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil e em Letras pelo Centro Universitário Claretiano, Batatais/SP, Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1182808146797392>. E-mail para contato: [rock.barroslana@gmail.com](mailto:rock.barroslana@gmail.com). Pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa Legentes (PUC/MG).

with studies of gender, ethnicity and class, the objective of this work is to show that the image reflected by the mirror critic and reflects on the moralistic propositions that Rami puts forward about polygamy, showing itself, in fact, as the protagonist's real thought.

KEYWORDS: Polygamy; Moral; Mystical; Oneiric; Role of women in society; Right to Literature.

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa-narrativa tem como temas centrais a poligamia, a moral e o papel da mulher na sociedade, considerando suas camadas sociais, históricas e culturais. Na obra *Niketche: uma história de poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, esses elementos são explorados a partir da experiência feminina. A protagonista Rami, esposa fiel e dedicada, passa por uma crise identitária ao descobrir que divide o marido com outras mulheres. Essa revelação a leva a um processo de autoconhecimento e (des)construção de si mesma, simbolizados pela metáfora do espelho — que reflete uma mulher completamente oposta, que ao longo da narrativa, faz com que Rami se redescubra como mulher em sua comunidade e em sua família.

*Niketche*, é descrito pela autora como:

A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do niketche. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens, desperta a urgência de amar, porque o niketche é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom.” (CHIZIANE, 2021, p.139)

*Niketche* é a dança harmoniosa entre os opostos. Dança que liberta a alma e o corpo ao amor. Rami durante a narrativa da obra dança com seu reflexo no espelho, a “outra de mim”, como ela própria diz. Uma mulher livre, desprendida dos preceitos morais cristãos que tanto oprimem, prendem e angustiam as mulheres. O espelho enquanto elemento místico e metafórico presente em toda a obra, nos conduz ao pensamento crítico da ideia de que a mulher, ao longo da história da humanidade, foi e é condicionada a se enxergar apenas por

meio dos olhos dos outros, especialmente dos homens, e que a verdadeira libertação acontece quando ela passa a se (re)conhecer e se amar.

Dessa forma, este estudo busca analisar como *Niketche* problematiza a poligamia e suas implicações morais, destacando o papel da mulher na sociedade e a forma como ela ressignifica sua existência dentro desse modelo. A obra de Chiziane não apenas denuncia as desigualdades de gênero, mas também propõe uma reflexão sobre novas possibilidades de autonomia, reconhecimento de direitos e empoderamento das mulheres.

## **2. O GRUPO *LEGENTES***

O grupo de estudos *Legentes* está vinculado à PUC-MG e é orquestrado pela professora doutora Luciana Pimenta desde 2015. Já são 10 anos desse espaço de *legência*: o ato de ler coletivo, pensar junto, permitir-se afetar e ser afetado pelas interpretações que cada encontro permite; e muito permite, pois seus encontros, atualmente, apesar de on-lines, nada têm de remotos, permitindo que haja uma aproximação ímpar entre os leitores e pensadores dos mais diversos cantos do país (e do mundo).

A *legência*, como a própria professora denomina, é transgredir as regras do ato de leitura, invocando, em cada encontro, a contra interpretação, ou seja, aquela que não nasce da razão, mas da emoção de se sentir tocado e afetado pelo (vi)ver do outro, seja do autor nas páginas da obra lida, seja pela tela do computador pela pessoa de tela e osso.

Os encontros acontecem toda semana, sendo intercalados os estudos na linha de desconstrução, com textos que levam a refletir situações sociais atuais, e os estudos literários, com obras escolhidas coletivamente para a leitura capitular durante o semestre. Cada *legente* faz sua leitura anterior e chega ao encontro tocado pelo enredo, reflexões e vivências que essa obra proporcionou.

Assim aconteceu com *Niketche: uma história de poligamia*. Realizada no segundo semestre de 2024, esta leitura foi proposta, e necessária, por diversos motivos: já fora assunto anterior em discussões; é de uma autora moçambicana, de língua portuguesa; traz a história de uma mulher forte, que permite o pleonasma. Dentre as tantas possibilidades que uma leitura sobre poligamia permite, os autores se sentiram tocados pelo recorte

proporcionado pelo espelho de Niketche. Surgiu, assim, a necessidade de florescer ao mundo a semente que foi plantada nos encontros *legentes*.

### 3. NIKETCHE

Paulina Chiziane, um dos maiores nomes da literatura moçambicana, nasceu em Manjacaze, em 1955, e envolveu-se ativamente nas questões políticas de seu país (Simbo, 2018, p. 208). Seu primeiro livro *Balada de amor ao vento* foi lançado em 1993, e logo nota-se a preocupação da autora em trazer as questões políticas e culturais de seu país para suas obras.

*Niketche: uma história de poligamia*, publicado em 2002<sup>3</sup>, é um romance desta autora moçambicana que explora as complexidades das relações familiares e sociais em um contexto de poligamia. A história é narrada pela protagonista Rami, colocada em um dilema emocional por seu marido Tony: a narradora se vê em uma relação poligâmica na qual seu marido possui relacionamentos paralelos com outras mulheres. A narrativa em primeira pessoa permite entender que, a princípio, Rami não aceita essa situação criada, e com o desenvolver da história se vê submetida a aceitar essa condição, abordando temas de dinâmicas de poder do patriarcado, ciúmes e a luta pela identidade feminina.

Rami reflete sobre sua própria vida, suas relações com as outras esposas e a busca por respeito e autonomia. A obra não apenas retrata a realidade da poligamia em algumas culturas africanas, mas também provoca uma reflexão sobre o amor, a solidariedade entre mulheres e a busca por igualdade em um mundo patriarcal. Assim, Chiziane convida os leitores a questionar as normas sociais e a entender as nuances das relações humanas em um contexto cultural rico e complexo.

### 4. MULHERIDADES MOÇAMBICANAS E O PAPEL DE RAMI

Para iniciarmos nossa escrita-reflexão sobre o papel da mulher e seus desdobramentos, tomando como referência a obra *Niketche: uma história de poligamia*, é fundamental partir de um ponto central: a perspectiva da protagonista. Rami, uma mulher

---

<sup>3</sup> Apesar da publicação de 2002, a leitura e as referências são da edição de 2021 publicada pela Companhia de Bolso no Brasil.

negra moçambicana, vive angustiada pela ausência de seu marido, Tony, pelo próprio corpo, que não se encaixa no padrão idealizado, e pelo avanço da idade. Mãe de cinco filhos, ela se dedica à família enquanto anseia pelo amor, pelo cuidado e pela atenção de Tony. Inserida em uma comunidade no sul de Moçambique, Rami vive sob a forte influência da tradição e da moral cristã, herança da colonização portuguesa.

De acordo com a obra literária supramencionada, as mulheres do sul são as maiores vítimas do patriarcalismo herdado pelo colonialismo. São mulheres objetificadas, utilizadas exclusivamente para atender aos interesses dos homens. Não são vaidosas, pois não podem ser desejadas; não conhecem a si mesmas; não sorriem; não aprenderam a arte do amor através dos rituais de iniciação.

Paulina Chiziane, em um trecho de sua obra, deixa claro as diferenças entre as mulheres sul e as mulheres do norte de Moçambique:

As mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do norte acham que as do sul são umas frouxas, umas frias. Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo, em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa fraternidade, dorme com a minha mulher esta noite. No sul, o homem diz: a mulher é meu gado, minha fortuna. Deve ser pastada e conduzida com vara curta. No norte, as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordos soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado, e falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos da trovoadas. Usam o lenço na cabeça sem arte nem beleza, como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem jeito. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas. Homem do sul quando vê mulher do norte perde a cabeça. Porque ela é linda, muthiana orera. Porque sabe amar, sabe sorrir e sabe agradar. Mulher do norte quando vê homem do sul perde a cabeça porque tem muita garra e tem dinheiro. O homem do norte também se encanta com a mulher do sul, porque é servil. A mulher do sul encanta-se com o homem do norte, porque é mais suave, mais sensível, não agride. A mulher do sul é económica, não gasta nada, compra um vestido novo por ano. A nortenha gasta muito com rendas, com panos, com ouro, com cremes, porque tem que estar sempre bela (Chiziane, p. 33, 2021).

A comparação feita pela autora nos conduz ao entendimento de que as mulheres do norte de Moçambique são mulheres mais felizes, leves, livres e seguras. Apesar de ainda

serem mulheres objetificadas e criticadas por suas ações e costumes, preservaram parte de suas raízes, rituais e ancestralidade.

No que se refere à poligamia, Sanhá (2019, n.p) verificou que trata-se de uma prática étnica antiga, enraizada em diversas regiões do país, fazendo parte da ancestralidade preservada especialmente no norte de Moçambique. No entanto, tal prática gerou e ainda gera debates sobre a igualdade de gênero no território moçambicano. Isso porque, de acordo com Mugabe *et. al* (2022, n.p) a sociedade moçambicana aceita a poligamia masculina, que consiste no fato de um homem ter várias esposas, mas não aceita a poligamia feminina (poliandria), onde a mulher tem vários maridos. Uma mulher que pratica poliandria afronta a moral advinda do conservadorismo cristão dentro de uma lógica patriarcal e machista. Com isso, muito tem se discutido sobre o direito das mulheres e a equidade conjugal em Moçambique, discussão essa presente, viva e permanente ao longo da obra de Paulina Chiziane, objeto desta pesquisa-narrativa.

Ainda sobre o contraste entre mulheres do sul e mulheres do norte, estas últimas, ainda na juventude, passam por ritos de iniciação, fundamentais na transmissão de conhecimentos culturais, que as preparam para a vida adulta e matrimonial. Machava (2014, p. 100) esclarece que durante esses rituais as iniciandas recebem orientações sobre sexualidade, comportamento conjugal e responsabilidades domésticas. Por exemplo, no contexto dos ritos praticados entre os Nhanjas, Ajauas e Macondes<sup>4</sup>, as meninas aprendem técnicas corporais, posições sexuais para proporcionarem prazer, maneiras de estar e ser na sociedade, além de conhecimentos sobre a vida sexual e conjugal.

Rami é uma mulher adulta que não participou dos rituais de iniciação. Inconformada com a situação que vivenciava em sua vida conjugal — a descoberta da poligamia praticada por seu marido Tony —, motivada por um anseio interno, por conta própria foi ter aulas com uma conselheira amorosa, onde soube do que se tratavam os rituais de iniciação. Em razão de um processo de apagamento histórico causado pela colonização, Rami não conheceu parte da cultura ancestral de seu povo, o que de forma considerável, impactou sua relação consigo e com seu marido.

---

<sup>4</sup> Etnias do norte de Moçambique.

Nardes *et al.* (2019, p. 142) afirmam que a negação das raízes culturais e identitárias das mulheres negras é uma consequência direta do modelo colonial, que fere profundamente sua cultura, seu corpo e sua identidade. O colonialismo português foi devastador e violento à comunidade moçambicana como um todo, e por isso homens e mulheres tiveram suas vidas afetadas pela lógica expansionista e exploratória ocidental, sendo as mulheres, sobremaneira, as mais prejudicadas. Silva *et al.* ressaltam que:

Os anos de colonização foram duramente mais cruéis e excludentes para as mulheres do que para os homens, haja vista a sociedade patriarcal que oprimia a mulher africana pelo simples fato de pertencer ao sexo feminino e a considerava inferior ao homem, impedindo-a de participar de forma plena e igualitária da vida política e social de seu país. À mulher só restava cuidar do lar e dos filhos e satisfazer os desejos carniais de seu marido, sendo-lhe negada qualquer possibilidade de vivificar sua voz que permaneceu emudecida por longos anos de colonização. (Silva *et al.*, 2022, p. 377)

Antes da colonização, a sociedade moçambicana era organizada de forma matrilinear, baseada na ancestralidade, sendo que as mulheres eram referências hereditárias de poder em suas comunidades. Viviam em um contexto mais propenso ao reconhecimento de seus direitos e sua dignidade. Ainda segundo Silva *et al.*:

[...] antes do império colonialista fincar raízes em solo africano operava em boa parte da África um sistema de organização sociopolítica matrilinear que estava ligado à ancestralidade, o qual concedia à mulher maior poder de participação na organização da sociedade e que o advento do colonialismo trouxe profundas mudanças nesse cenário favorável ao exercício dos direitos da mulher. De acordo com a autora: Antes do advento colonialista, vigorava, em parte significativa da África, o sistema sociopolítico matrilinear, caracterizado pela ancestralidade a partir da figura materna e pelo direito da mulher à herança e à propriedade, mesmo sendo a gerência do patrimônio responsabilidade de seus irmãos. Sabia-se o que esperar de cada membro da comunidade. Os homens eram encarregados de funções como a caça, a pesca e a guerra enquanto às mulheres cabia a responsabilidade da criação dos filhos e realização das tarefas domésticas. Aliado à capacidade gerativa e à maternidade, o exercício do trabalho agrícola era também de responsabilidade feminina, sendo economicamente significativo, representando o acréscimo da força de trabalho e da riqueza do grupo. [...] A mulher tinha um poder decisivo muito maior, uma maior participação efetiva na sociedade. Porém, a partir da penetração europeia, diversos elementos da experiência colonial, como o capitalismo, o racismo e o patriarcado,

modificaram, de modos distintos, os papéis dos homens e das mulheres no continente africano, colocando as mulheres numa situação de subalternidade, invisibilizando-as historicamente. (Silva *et al.*, 2022 *apud* Bonini, 2018, p. 40)

Mesmo com o apagamento de costumes e raízes ancestrais, e o rebaixamento do lugar da mulher na sociedade moçambicana, a autora de *Niketche* demonstra no tecer de sua obra, metaforicamente durante os diálogos de Rami com seu espelho, que no âmago de seu peito ecoavam vozes libertadoras e ancestrais. Conduzida por essas vozes, à Rami foi revelado um novo olhar sobre a vida, sobre o amor, sobre seu casamento e seu lugar de mulher em sua comunidade.

## 5. O ESPELHO EM NIKETCHE: REFLEXOS E REFLEXÕES

A trajetória de Rami é o foco da história em *Niketche*; mais precisamente, a obra se inicia com a descoberta da protagonista sobre a situação conjugal de seu marido, logo, também sua. Tony, marido de Rami, sumido há dias, está com outra mulher; ou melhor, outras mulheres. Poligamia, segundo o dicionário Michaelis (POLIGAMIA, 2025), é a forma de casamento na qual uma pessoa tem vários conjuges ao mesmo tempo; sendo Tony casado legalmente com Rami, ao se envolver com mais 4 mulheres: Julieta, Luisa, Saly e Mauá, caracteriza essa nova situação do relacionamento.

Em um primeiro momento, a protagonista se questiona constantemente sobre a situação posta, culpando-se. E é nesse momento que é introduzido o espelho, peça chave para as reflexões de Rami:

Vou ao espelho tentar descobrir o que há de errado em mim. [...] Olho bem para minha imagem. Com esta máscara de tristeza, pareço fantasma, essa aí não sou eu.[...]

Paro de chorar e volto ao espelho. Os olhos que se refletem brilham como diamantes. É o rosto de uma mulher feliz. Os lábios que se refletem traduzir uma mensagem de felicidade, não, não podem ser os meus, eu não sorrio, eu choro. Meu deus, o meu espelho foi invadido por uma intrusa, que se ri da minha desgraça. Será que a intrusa está dentro de mim? (Chiziane, 2021, p. 14)

O primeiro contato de Rami com o espelho é neste momento de fragilidade desencadeado pela descoberta dos outros relacionamentos de Tony, e isso lhe causa estranheza ao observar sua imagem espelhada, que antes era de esposa, agora é de *mais uma*: quem seria sua semelhante, mas com o semblante feliz? Quem seria aquela imagem que a imita mas ao mesmo tempo caçoa de sua tristeza e fragilidade fazendo-se rir?

Ora, Paulina traz com o espelho um elemento místico de importante reflexão para a trama, pois ao mesmo tempo que reflete a imagem e semelhança de Rami, lança mão de um recurso importante aos espelhos: a oposição.

Sabe-se que os espelhos funcionam refletindo as imagens de forma idêntica, mas a física destrincha tal efeito ao *reflexo*, ou espelhamento de imagem; ou seja, apesar da forma espelhada ser idêntica em dimensões, o seu sentido muda, tudo que está à direita parece estar à esquerda, e vice-versa. Tal efeito de espelhamento reflete a oposição de Rami, que chega aos prantos junto ao espelho, seu reflexo, mas é recebida com sua imagem oposta:

- Por que danças tu, espelho meu?  
- Celebro o amor e a vida. Danço sobre a vida e a morte. Danço sobre a tristeza e a solidão. Piso para o fundo da terra todos os males que me torturam. A dança liberta a mente das preocupações do momento. A dança é uma prece. Na dança celebro a vida enquanto aguardo a morte. Por que é que não danças?  
[...]  
Tento, com minha mão, segurar a mão da minha companheira, para ir com ela na dança. Ela também me oferece a mão, mas não me consegue levar. Entre nós há uma barreira fria, gelada, vidrada. Fico angustiada e olho bem para ela. Aqueles olhos alegres têm os meus traços. As linhas do corpo fazem lembrar as minhas. Aquela força interior me faz lembrar a força que tive e perdi. *Esta imagem não sou eu, mas aquilo que fui e queria voltar a ser. Esta imagem sou eu, sim, numa outra dimensão* (Chiziane, 2021, p. 15-16, grifo nosso).

Ao nos confidenciar que a imagem do objeto não a reflete no presente, mas sim traz aquilo que ela queria voltar a ser, Rami tem plena consciência de seu reflexo: apesar do espelho mostrar sua imagem, o verdadeiro reflexo se opõe ao seu estado de espírito. Ao mesmo tempo que a protagonista chora ao perceber sua nova situação conjugal, o espelho se mostra feliz e sorridente, evidenciando como aspecto essencial para a trama uma

Rami-real, que reluta à situação de poligamia a qual foi submetida; e outra Rami-reflexo, que questiona essa tristeza e traz reflexões provocativas sobre esta situação.

Apesar de não ter escolhido a poligamia quando se casou, Rami se vê em uma relação marcada pela multiplicidade de parceiras que seu marido escolhe se relacionar. Assim, a poligamia da obra se mostra uma vida de mão única, vez que somente Tony tem o direito de se relacionar com mais mulheres, enquanto Rami continua na casa da família cuidando dos filhos do casal. Fica evidente ao longo das primeiras páginas da obra que Rami, casada há 20 anos e mãe de 5 filhos, não aceita a situação de poligamia de seu marido, questionando profundamente sua condição de esposa e mulher frente ao espelho:

Tomo um banho e preparo-me para sair. Tento usar uma saia e esta não segura, cai. Vou ao guarda-roupa e experimento todas as roupas e descobro. Emagreci. Não escaparei às línguas do mundo que dirão que estou a emagrecer por causa dos ciúmes, tudo por causa de um homem que não me liga nenhuma. Vou ao espelho e desabafo.

— Diz-me, espelho meu: serei eu feia? Serei eu mais azeda que a laranja-lima? Por que é que o meu marido procura outras e me deixa aqui? O que é que as outras têm que eu não tenho?

[...]

— Oh, espelho meu, o que achas de mim? Devo renovar-me?

— *Renova-te, sim. Mas antes, procura uma vassoura e varre o lixo que tens dentro do peito. Varre as loucuras que tens dentro da mente, varre, varre tudo. Liberta-te. Só assim viverás a felicidade que mereces.*

— Diz-me, espelho meu: onde foi que eu errei? Serei feliz algum dia, com essas mulheres à volta do meu marido?

— *Pensa bem, amiga minha: serão as outras mulheres as culpadas desta situação? Serão os homens inocentes?* (Chiziane, 2021, p. 29-30, grifos nossos)

O que se põe em xeque nesta situação, e o que se observa pelos diálogos da protagonista com seu espelho, é o conflito moral que Rami enfrenta com seu próprio subconsciente: criada na religião cristã, conhecida por preservar características de moralidade familiar e de submissão da mulher, ela questiona em sua própria existência e aparência as atitudes do marido. Rami não se permite observar a situação por um espectro que não seja da moral cristã balizadora das relações conjugais, e se acomete em desprezo por sua própria natureza de ser mulher em uma sociedade marcada pelo machismo, patriarcalismo e relações familiares muitas vezes baseadas em conveniência.

O conceito de família tem ganhado novas formas, inclusive jurídicas, ao longo dos anos, sendo um núcleo formado essencialmente pelo afeto. Porém, outras eram as características a determinavam: Engels (1984, p. 58-59) em um estudo histórico sobre as origens das famílias, faz a conexão destas com as mudanças sobre a propriedade e produção, principalmente na imposição da monogamia como fator principal de garantia da propriedade. O desenvolvimento da pecuária possibilitou a formação de pequenos grupos familiares independentes, e o homem, como cuidava da manutenção do rebanho e seus instrumentos, passou a ter propriedade dos meios de sustento, elevando-o a uma posição mais importante da família, gerando a necessidade de alterar a linhagem filial de matriarcal para a patriarcal, a garantir o direito hereditário pela linhagem paterna e a devida passagem do rebanho aos seus herdeiros. Juntamente, desenvolveu-se a atenção à paternidade. Considerando as sociedades antigas, sem as tecnologias de exames de DNA, e sem uma preocupação com a exclusividade de parceiras e parceiros sexuais, a paternidade não era uma certeza. Assim, elabora-se a suposta necessidade da monogamia, para que fosse possível assegurar a fidelidade da mulher e a paternidade dos filhos (Engels, 1984, p. 62). No mesmo sentido, Bertrand Russell também considera que a família patriarcal se insurgiu como uma necessidade de garantir a submissão da mulher para garantir a descendência de seu patrimônio aos seus herdeiros legítimos (Russel, 2015, p. 18-19). A família, então, passa a ter como principal aspecto a monogamia e o predomínio do homem, com função de procriar filhos de paternidade incontestável, e baseava-se na preservação da propriedade, e não no afeto, indicando os rumos que a formação familiar passaria a ter.

A noção de família tradicional, carregada na moral cristã, leva traços do sistema no qual está inserida, sendo que “[a] ideologia patriarcal somente reconhecia a família matrimonializada, hierarquizada, patrimonializada e heterossexual” (Dias, 2016, p. 95). Porém, como todas as formas de relacionamentos, a poligamia não é inerentemente boa ou ruim, pois há bons casamentos e maus casamentos, poligâmicos ou monogâmicos; o que se destaca no presente trabalho é “como esta instituição tem sido opressiva para mulheres [...]” (Oyěwùmí, 2021, p.175).

Quando Rami se vê numa situação de poligamia, há uma evidente quebra das suas expectativas de estar na relação perfeita, na família tradicional, com casal, esposa e marido, e filhos, tão idealizada pela doutrina cristã. Mais ainda, ao encontrar as demais mulheres de seu marido, descobre que ele também as abandona, sempre uma pela outra, por alguém mais interessante, deixando para trás a amada anterior com filhos e sem ajuda ou qualquer tipo de apoio. Ao longo da obra, apesar de rejeitar veementemente a existência dessas outras mulheres na vida de Tony, Rami começa a observar uma possibilidade de crescimento junto delas, levando a situação contrária ao esperado: a rivalidade entre Rami, Julieta, Luisa, Saly e Mauá não vinga, mas as cinco desenvolvem uma rede de apoio mútua, inclusive que leva à independência financeira e emocional desse forte grupo de mulheres. E justamente ao se ver não mais na situação de *homem da casa*, de chefe dessas mulheres, de detentor de poder financeiro ou emocional sobre elas, e até mesmo de marido respeitado, Tony pede o divórcio à Rami, que logo recorre sua tristeza ao espelho confidente:

Estou no precipício. Mais um passo e eu me afogo. Ah, meu amor ingrato. De ti sempre aceitei tudo, suportei tudo: doenças, desejos, problemas, lamentos, vergonhas, sujeiras, conflitos. Agora libertas-te, dispensas-me, trocas-me, humilhas-me, por outras mais novas, mais belas. Desejo-te felicidades, meu amor.

Vou ao quarto e dialogo com o meu espelho.

— Espelho meu, o que será de mim?

O espelho dá-me uma imagem de ternura e responde-me com a maior lucidez de sempre.

— Não serás a primeira a divorciar, nem a última. Os divórcios acontecem todos os dias, como os nascimentos e as mortes, mas tranquiliza-te. Há uma grande diferença entre a vontade do homem e a vontade de Deus. O que Deus põe, o homem não dispõe.

— E qual é a vontade de Deus, espelho meu?

— E qual é a tua vontade, gémea de mim? (Chiziane, 2021, p. 149)

O espelho mostra-se questionador das dores e aflições de Rami. É um sopro de consciência e lucidez num rosto abatido pelas dores da traição, pelo esforço da volta por cima e pela desilusão amorosa da perfeição familiar. Apesar de pouco presente ao longo da obra, este artefato mágico e místico ajuda e levanta Rami ao longo de sua trajetória. Sua imagem reflete aquilo que Rami já sabe: ela não é a culpada por sua tristeza e pelo desprezo de Tony. Há algo sistematicamente muito maior que acomete as mulheres em todo o mundo:

- Espelho meu, o que pensas de mim?
  - Sossega. Não há, neste mundo, mulher mais bela do que tu.
  - Espelho meu, existe neste mundo mulher mais triste do que eu?
  - Há. Há milhões de milhões em todo o mundo.
  - Diz-me, espelho meu. Haverá no mundo mulheres mais traídas do que eu?
- São todas. Todas! No amor, todos os homens são traidores.* (Chiziane, 2021, p. 214)

Este último diálogo do espelho arremata o sentimento universal que o machismo e o patriarcado colocam nas relações amorosas. A monogamia é a exclusividade na relação entre duas pessoas, e uma das características conservadoras moralmente inseridas na sociedade. O que se tem, ou se deveria ter, como dever conjugal, especificamente advindo do matrimônio, é a fidelidade: respeito ao que foi pactuado entre os companheiros, independente dos rumos que o matrimônio venha a ter. Tony, ao escolher se relacionar com outras mulheres durante seu casamento com Rami, e esconder essa situação de sua esposa, escolhe também perpetuar as relações de machismo e dominação presentes na sociedade patriarcal, ferindo o respeito que deveria ser prezado à Rami.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rami descobre as traições de seu marido e logo sofre intensamente essa quebra de confiança no relacionamento que já durava 20 anos. Dada sua criação cristã típica do sul de Moçambique, algumas questões morais estão presentes, e impregnadas, em suas vivências, refletindo na maneira como, em um primeiro momento, se condena pela situação de poligamia que Tony se colocou. Vendo-se desprezada, abandonada e trocada por outras mulheres, recorre ao seu próprio reflexo para tentar se recompor, e é recebida com sua imagem semelhante, mas espelhada, o seu oposto.

Apesar das igualdades físicas, o reflexo de Rami no espelho se mostra um ponto de reflexão sobre a situação da protagonista e sobre a situação das mulheres como um todo em uma sociedade patriarcal marcada pelo machismo. A origem das famílias está no sentido de propriedade, mas de mulheres pertencendo ao homem, para garantir a perpetuidade de

seus bens e de sua honra. A monogamia se institui como o normal matrimonial, baseado na moral cristã tradicional, justificando o sentimento de traição que Rami sentiu a um primeiro momento em relação às descobertas sobre Tony. O que se vê ao longo da história, porém, é uma mulher levada a lidar quase que sozinha com esses sentimentos, confidenciando-os para o seu reflexo, que a leva a questionar se essa tristeza profunda que sente é realmente culpa sua.

O sofrimento de Rami atravessou um oceano inteiro até nos encontrar. E é através de seu reflexo que conhecemos quem ela verdadeiramente é: uma pessoa alegre, que acredita no amor e preza por seu relacionamento. Apesar das dúvidas e das lágrimas, o espelho de Rami nos mostrou sua verdadeira face, com reflexões profundas sobre a condição das mulheres e da situação de poligamia, tornando-se um personagem essencial à história, que mostrou o verdadeiro reflexo dos pensamentos da protagonista.

Paulina Chiziane, à frente e através do espelho, transformou a história de Rami em uma poderosa narrativa questionadora à medida que denuncia a desigualdade de gênero e a falta de equidade conjugal, onde mulheres são traídas e enganadas por seus maridos polígamos, que contam com o olhar de normalidade da comunidade moçambicana frente à poligamia e seus desdobramentos. Ao contrário das mulheres, objetificadas, subjugadas e servis, muito distantes de serem aceitas e terem reconhecidos seus direitos em relações de poliandria, o que demonstra o quão perversa e violenta é a moral cristã herdada do colonizador europeu diante dos corpos, das identidades e das vidas femininas em Moçambique e no mundo.

## REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

DIAS, Maria Berenice. *Manual de direito das famílias*. [livro eletrônico]. 4. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2016.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado: trabalho relacionado com as investigações de L.H. Morgan*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

- MACHAVA, Paula. *Ritos de iniciação feminina no Norte de Moçambique: um estudo etnográfico*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. 145f. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/10183/115768/1/000955812.pdf>. Acesso em: 25 de mar. 2025.
- MUGABE, Delfina; MUCHANGA Evelina; MACIE, Joana. POLIGAMIA EM MOÇAMBIQUE - Uma prática que viola princípios de igualdade (Repetição). Disponível em: [https://macua.blogs.com/moambique\\_para\\_todos/2022/04/poligamia-em-mo%C3%A7ambique-uma-pr%C3%A1tica-que-viola-princ%C3%ADpios-de-igualdaderepeti%C3%A7%C3%A3o.html](https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2022/04/poligamia-em-mo%C3%A7ambique-uma-pr%C3%A1tica-que-viola-princ%C3%ADpios-de-igualdaderepeti%C3%A7%C3%A3o.html). Acesso em: 29 mar. 2025.
- NARDES, Katiucia da Silva; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; BOTELHO, Denise Maria. Raízes: colonialidade do ser e identidade negra. *Identidade!*, São Leopoldo/RS, v. 24, n. 1, p. 137-152, 2019.
- OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- POLIGAMIA. In: *Michaelis On-line*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/POLIGAMIA/>. Acesso em: 29 de mar. 2025.
- RUSSELL, Bertrand. *Casamento e moral*. Tradução: Fernando Santos. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- SANHÁ, Satumata Malam Sambu. Aspectos da subalternidade e da resistência feminina em Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. *Mafuá*, Florianópolis, n. 31, 2019.
- SHIMBO, Renata Vaz. Niketche: uma performance literária de libertação. *Abril: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Rio de Janeiro, v. 10, n.21, p. 207-219.
- SILVA, Francisca Jocineide de Alencar; NASCIMENTO, Josyane MALTA. A poesia de Noémia de Sousa: uma descrição da mulher moçambicana em “Sangue negro”. *NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, v. 2, n. 1, p. 371–388, 2022. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/886>. Acesso em: 28 mar. 2025.